

O CORAÇÃO É O ÚLTIMO A MORRER

MARGARET ATWOOD

O CORAÇÃO É O ÚLTIMO
A MORRER

Tradução de
ANA FALCÃO BASTOS e CLÁUDIA BRITO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

*Para Marian Engel (1933-1985)
Angela Carter (1940-1992) e
Judy Merrill (1923-1997).*

E para Graeme, como sempre.

Com uma habilidade maravilhosa, ele esculpiu uma estátua de marfim de um branco cintilante. [...] A sua mestria dissimulava-se de tal modo que a estátua aparentava ser uma rapariga de carne e osso, prestes a pôr-se em movimento, mas a reter-se por modéstia [...] Ele beijou-a, convencido de que ela lhe devolvia o beijo, falou com ela, abraçou-a. [...]

— Ovídio, «Pigmaleão e Galateia»,
Livro X, *Metamorfoses*

Quando chega o momento decisivo, aquelas coisas não batem certo. São feitas de um material semelhante a borracha que não se assemelham em nenhum aspeto com uma parte do corpo humano. Tentam compensar isso dando-nos instruções para as mergulhar em água tépida, primeiro, e depois usar uma boa quantidade de lubrificante. [...]

— Adam Frucci, «I Had Sex With Furniture»,
Gizmodo, 10/17/09

Os enamorados e os loucos têm o cérebro tão fervilhante,
e fantasias tão criativas que captam mais
do que à fria razão é dado apreender.

— William Shakespeare, *Sonho de Uma Noite de Verão*

ÍNDICE

I | ONDE?

DESCONFORTO [15] · ONDE? [16]

II | LÁBIA

CERVEJOLAS [27] · EMBATUCADO [34] · LÁBIA [40]

III | MUDANÇA DE TURNO

PORTÃO [47] · NOITE NO EXTERIOR [49] · CIDADE
GÉMEA [53] · UMA VIDA COM SENTIDO [59] · ESTOU
SESENTA DE TI [63] · MUDANÇA DE TURNO [69] ·
LIMPEZAS [74]

IV | O CORAÇÃO É O ÚLTIMO A MORRER

CORTE DE CABELO [81] · DE SERVIÇO [86] · O CORAÇÃO É O
ÚLTIMO A MORRER [89] · LAMBRETA [92] · PALERMA [95]

V | EMBOSCADA

ASSEMBLEIA DA CIDADE [103] · EMBOSCADA [107] · SALA DE
REUNIÃO [112] · COLEIRA ESTRANGULADORA [117] ·
RECURSOS HUMANOS [120] · ESCRAVO [125]

VI | DIA DOS NAMORADOS

LIMBO [135] · TURBANTE [141] · SUBTERFÚGIOS [145] ·
AMEAÇA [150] · DIA DOS NAMORADOS [154] · MURRO NO
ESTÔMAGO [160]

VII | TETO BRANCO

TETO BRANCO [167] · CAPUZ [171] · TARTE DE CEREJA [175] ·
CABEÇA FALANTE [180] · ESCOLHA [184]

VIII | APAGA-ME

NO CONTENTOR [191] · HORA DO CHÁ [194] · HORA DO
CAFÉ [198] · ENTREABERTO [202] · APAGA-ME [206]

IX | POSSIBILIBÔS

ALMOÇO [213] · OVOS QUENTES [217] · VISITA GUIADA [222] ·
FATO PRETO [226] · EM BICOS DE PÉS POR ENTRE AS
TULIPAS [230]

X | TERAPIA DO LUTO

MÃO ARREPIANTE [237] · CONTROLO DE QUALIDADE [240] ·
SACRIFÍCIO [247] · PERFEITA [250] · TERAPIA DO LUTO [253] ·
DISFARCES [257]

XI | RUBY SLIPPERS

SEDUÇÃO [265] · EXPEDIDO [270] · FETICHE [274] ·
AVARIA [280] · DESEMBALADO [284] · RUBY SLIPPERS [287]

XII | ACOMPANHANTE

ELVISÓRIO [295] · PORQUÊ SOFRER? [299] ·
ACOMPANHANTE [306] · REQUISIÇÃO [311]

XIII | HOMENS VERDES

HOMENS VERDES [319] · GONGO [323] · EM VOO [327]

XIV | RAPTO

RAPTO [335] · EM CHAMAS [339] · SORTILÉGIO [343] ·
ARRANJOS FLORAIS [347]

XV | E PRONTO

E PRONTO [357] · O PRESENTE [359]

I | ONDE?

DESCONFORTO

Dormir no carro é desconfortável. Sendo um *Honda* em terceira mão, não é nenhum palácio. Se fosse uma carrinha, teriam mais espaço, mas nunca tiveram dinheiro para comprar uma, mesmo quando achavam que tinham dinheiro. Stan diz que já é uma sorte terem carro, seja ele qual for, o que é verdade, mas a sorte não aumenta o tamanho do carro.

Charmaine acha que Stan devia dormir no banco de trás porque ocupa mais espaço — seria justo, pois é maior —, mas ele tem de ficar à frente para sair dali com o carro rapidamente se houver alguma emergência. Não confia na capacidade de funcionar de Charmaine nessas circunstâncias: diz que ela ia ficar demasiado ocupada a gritar e não ia conseguir conduzir. De modo que Charmaine pode ficar com o lugar mais espaçoso, ainda que tenha de se enrolar como um caracol porque não consegue esticar-se.

Têm as janelas quase sempre fechadas por causa dos mosquitos, dos gangues e dos vândalos solitários. Geralmente, os solitários não têm pistolas nem facas — quando têm armas desse género, há que fugir ao triplo da velocidade —, mas são capazes de andar desvairados com um taco na mão, e um louco com um pedaço de metal, uma pedra ou até mesmo um sapato de salto alto pode fazer muitos estragos. Acham que as pessoas são demónios, mortos-vivos ou putas vampiras, e nada do que se faça para os acalmar os levará a mudar de opinião. Como dizia a avó Win, com os doidos, o melhor a fazer, aliás, a única coisa a fazer, é estar noutro sítio qualquer.

Com as janelas fechadas e apenas com uma frincha aberta em cima, o ar fica parado e saturado dos odores deles. Não há muitos sítios

onde possam tomar um duche ou lavar a roupa, o que deixa Stan irritado. Charmaine também fica assim, mas esforça-se por dominar esse sentimento e ver o lado positivo. De que serve lamuriar-se?

De que serve seja o que for?, pensa com frequência. De que serve sequer pensar *De que serve?* Por isso, ela diz antes: «Querido, toca a animar!»

«Porquê?», poderá Stan perguntar. «Dá-me uma porra de uma boa razão para ficar animado.» Ou então poderá dizer: «Cala o bico, querida!», imitando o tom ligeiro e positivo dela; o que é maldoso da parte dele. Às vezes fica maldoso quando está irritado, mas no fundo é um homem bom. A maioria das pessoas tem bom fundo se tiver oportunidade de mostrar o seu lado bom: Charmaine está determinada a continuar a acreditar nisso. Um duche ajuda a mostrar o lado bom de uma pessoa, porque, como a avó Win costumava dizer: *O asseio anda lado a lado com a santidade, e a santidade é retidão.*

Essa era uma das coisas que ela podia dizer, como *A tua mãe não se suicidou, isso são só más-línguas. O teu pai fez o melhor que pôde, mas tinha uma grande carga em cima e não aguentou. Devias tentar esquecer essas coisas, porque um homem não tem culpa do que faz quando bebe demais.* E a seguir, dizia: *Vamos fazer pipocas!*

E faziam pipocas, e a avó Win dizia: *Não olhes lá para fora, meu do-cinbo, não te interessa o que fazem lá fora. Não é bonito. Eles gritam porque lhes apetece. É uma forma de se exprimirem. Fica aqui sentada ao teu lado. Tudo acabou bem, olha só, estás aqui, agora estamos felizes e em segurança!*

Mas não durou. A felicidade. A segurança. O agora.

ONDE?

Stan contorce-se e revira-se no banco da frente para tentar ficar confortável. Poucas são as hipóteses de isso acontecer. Que pode ele fazer? Para onde se podem eles virar? Não há locais seguros, não há instruções. É como se tivesse sido levado por um vento cruel mas insensato e andasse sem rumo a dar voltas e mais voltas. Sem saída.

Sente-se muito só e, às vezes, ter Charmaine ao seu lado fá-lo sentir-se ainda mais só. Ele deixou-a ficar mal.

É verdade que tem um irmão, mas só em último recurso lhe pediria ajuda. Ele e Conor seguiram caminhos diferentes, esta seria a maneira delicada de pôr as coisas. Uma briga de bêbedos à meia-noite, com trocas de *atrasado mental*, *monte de merda* e *mentecapto*, seria a maneira menos delicada de pôr as coisas, e fora essa a via escolhida por Conor a última vez que se haviam encontrado. Na verdade, Stan também optara por essa via, mas nunca fora tão grosseiro como Con.

Na opinião de Stan — a opinião que tinha na altura —, Conor era quase um criminoso. Mas na opinião de Con, Stan era um embarcado pelo sistema, um lambe-botas, uma farsa e um covarde. Com tomates de girino.

Onde estará agora o velhaco do Conor, que andará a fazer? Pelo menos, não terá ficado sem o emprego com o grande colapso financeiro e a devastação empresarial que delapidaram aquela parte do país. Não se pode perder o emprego quando não se tem emprego. Ao contrário de Stan, não foi expulso, excluído, condenado a uma vida errante frenética, cheia de poeira nos olhos e de sovacos a cheirar a ranço. Desde miúdo que Con sempre viveu à custa de outros ou do que lhes conseguia surripiar. Stan não se esqueceu do canivete suíço, comprado com dinheiro que tinha poupado, do *Transformer*, da pistola *Nerf* com as balas de espuma. Todos eles tinham desaparecido como que por magia, e a cabeça de irmão mais novo a abanar de um lado para o outro, nem pensar, quem, eu?

Stan acorda a meio da noite e pensa por um momento que está na cama, em casa, ou pelo menos numa espécie qualquer de cama. Estende a mão para tocar em Charmaine, mas ela não está ao seu lado. Percebe então que se encontra dentro do carro fedorento, com vontade de urinar, mas que tem medo de destrancar a porta por causa das vozes a uivar que lhe chegam, dos passos que esmagam a gravilha ou calcam o asfalto e talvez de uma pancada no tejadilho e de um rosto com cicatrizes e desdentado a sorrir à janela: *Olhem para isto! C'um caralho! Vamos abrir isto! Passem-me um pé de cabra!*

E depois, o sussurro aterrado de Charmaine: «Stan! Stan! Temos de ir embora! Temos de ir já embora!» Como se ele não tivesse percebido. Mantém sempre as chaves na ignição. Motor ligado, pneus a

guinchar, gritos e insultos, o coração aos saltos, e depois? Mais do mesmo, num parque de estacionamento ou numa ruela qualquer, noutra sítio qualquer. Era bom se tivesse uma metralhadora. Qualquer coisa mais pequena do que isso não serviria de nada. Naquele momento, a única arma de que dispõe é a fuga.

Sente-se perseguido pelo azar, como se o azar fosse um cão selvagem a mover-se furtivamente atrás dele, farejando-o, à sua espera nas esquinas. A espreitá-lo por trás de arbustos, e a fixá-lo com olhos amarelos malévolos. Se calhar, do que ele precisa é de um bruxo, de um feiticeiro vudu qualquer. E de umas centenas de dólares para poder passar uma noite num motel, com Charmaine ao seu lado e não na parte de trás do carro, longe do seu alcance. Isso era o mínimo: perder mais seria estar a abusar.

A compaixão de Charmaine torna tudo pior. Ela esforça-se imenso. «Não és um *falbado*», diz. «Lá por termos perdido a casa e termos de dormir no carro e por tu teres sido...» Ela não quer dizer *despedido*. «Tu não desististe, pelo menos andas à procura de emprego. Isso de perder a casa e de... isso aconteceu a imensa gente. À maioria das pessoas.»

«Mas não a toda a gente», respondia Stan. «Não a toda a gente, porra.»

Aos ricos não aconteceu.

Tinham começado tão bem. Na altura, ambos tinham emprego. Charmaine estava na cadeia da Clínica e Casa de Repouso Ruby Slippers. Tinha um jeito especial para os idosos, era o que toda a gente dizia, e estava a subir na empresa. Ele também se estava a sair bem: assistente de controlo de qualidade na Dimple Robotics, a testar o Módulo de Empatia nos modelos automatizados de atendimento ao cliente. As pessoas não queriam simplesmente que lhes metessem as compras nos sacos, costumava ele explicar a Charmaine: desejavam uma experiência de compras total, o que incluía um sorriso. Estavam dispostas a pagar mais por isso. Era espantoso recordar, agora, aquilo em que antes as pessoas estavam dispostas a gastar dinheiro extra.

Tinham tido um casamento discreto, só com os amigos, uma vez que não sobrava muita família de nenhum dos lados, pois os pais de

ambos tinham morrido de diversas maneiras. Charmaine dissera que de qualquer maneira não teria convidado a família, embora não se tivesse alongado sobre o assunto porque não gostava de falar dos parentes, mas que gostaria de que a avó Win pudesse ter estado presente. Quem sabia onde estava Conor? Stan não o procurou, porque se ele tivesse aparecido, o mais certo era ter tentado engatar Charmaine ou fazer outra palhaçada qualquer para chamar as atenções.

Depois tinham ido passar a lua de mel na Geórgia. Isso tinha sido um ponto alto. Lá estavam os dois nas fotografias, bronzeados e sorridentes, com o sol à sua volta como uma névoa, a erguer os copos de... O que era aquilo? Um *cocktail* tropical qualquer carregado de licor de lima. A erguerem os copos à sua vida nova. Charmaine com um top sem mangas com um padrão de flores, um sarongue e uma flor de hibisco presa atrás da orelha, o cabelo loiro a brilhar, despenteado pela brisa, ele com uma camisa verde com pinguins, que Charmaine tinha escolhido para ele, e um panamá; bem, não era um panamá verdadeiro, mas dava a ideia. Pareciam tão novos, tão imaculados. Tão ansiosos pelo futuro.

Stan enviara uma dessas fotografias a Conor, para mostrar que, finalmente, tinha uma namorada que Stan não podia roubar. Também como um exemplo do êxito que o próprio Conor poderia esperar ter se assentasse, se se endireitasse, se deixasse de ir parar à prisão por pequenos períodos, e de viver na marginalidade. Não que Con não fosse esperto; era demasiado esperto. Sempre a aproveitar todas as oportunidades.

Con enviara uma mensagem de volta: *Belo cu e mamas, mano. Ela sabe cozinhar? Mas que pinguins estúpidos.* Era típico: Con tinha de escarnecer, tinha de menosprezar. Isso fora antes de ele cortar o contacto, de ter desativado a ligação por *e-mail* e de se recusar a dar-lhe a morada.

Quando regressaram ao Norte, tinham dado uma entrada para uma casa, um pequeno apartamento de dois quartos, a precisar de um bocado de amor, mas com espaço para a família crescer, dissera o

agente com uma piscadela de olho. Parecia comportável mas, em retrospectiva, a decisão de comprar revelara-se um erro — havia os trabalhos de renovação e de reparação e isso significava mais dívidas para além da hipoteca. Disseram a si mesmos que conseguiriam aguentar: não eram muito gastadores e trabalhavam arduamente. Isso é que dá cabo de tudo: o trabalho árduo. Ele esalfara-se a trabalhar. Melhor seria não se ter incomodado, pois fora tudo por água abaixo. Stan fica doido só de se lembrar como se matou a trabalhar.

Depois, a coisa deu toda para o torto. Como se tivesse sido de um dia para o outro. E não fora apenas na sua vida pessoal: todo o castelo de cartas, todo o sistema ruíra, milhares de milhões de dólares eliminados das folhas de cálculo como nevoeiro de uma janela. Na televisão, hordas de peritos de meia-tigela tentavam explicar por que razão aquilo acontecera — demografia, perda de confiança, gigantescas operações fraudulentas —, mas tudo isso não passava de suposições da treta. Alguém mentira, alguém defraudara, alguém minara o mercado, alguém inflacionara a moeda. Havia poucos empregos e gente a mais. Ou poucos empregos para o americano médio como Stan e Charmaine. O nordeste, onde estavam, fora o mais atingido.

A sucursal da Ruby Slippers onde Charmaine trabalhava ficou em dificuldades: era dirigida a pessoas abastadas, e imensas famílias deixaram de conseguir lá pôr os seus idosos. Os quartos esvaziaram-se, cortou-se nas despesas com pessoal. Charmaine candidatou-se a uma transferência — a cadeia continuava a sair-se bem na Costa Oeste —, mas não foi aceite, e ela tornou-se redundante. A seguir, a Dimple Robotics fez as malas e mudou-se para o Oeste, e Stan foi largado sem paraquedas.

Sentaram-se na casa recém-comprada, no sofá novo, com as almofadas de flores que Charmaine tivera tanto trabalho a escolher para condizer, abraçaram-se um ao outro, disseram que se amavam, Charmaine chorou, Stan deu-lhe palmadinhas nas costas e sentiu-se inútil.

Charmaine arranjou um emprego temporário a servir à mesa; quando o local se afundou, arranjou outro emprego. E depois outro, num bar. Não eram sítios sofisticados; esses estavam a desaparecer, pois quem tinha dinheiro para comer comida fina estava a empanturrar-se com ela no Oeste, ou em países exóticos, onde o conceito de salário mínimo nunca existira.

Stan não teve a mesma sorte a arranjar trabalhos: no centro de emprego diziam que tinha excesso de habilitações. Ele respondia que não era esquisito, que não se importava de lavar o chão, de cortar a relva, e eles sorriam com arrogância (que chão? Que relva?), e diziam que seria chamado se surgisse alguma coisa. Mas depois o próprio centro fechou; para quê mantê-lo aberto se não havia emprego?

Aguentaram-se na sua casinha, a viverem de comida de plástico e do dinheiro que tinham ganho com a venda da mobília, a pouparem no consumo de energia, sentados às escuras, a rezar para que as coisas dessem uma reviravolta. Por fim, puseram a casa à venda, mas já não havia compradores. Um dia, deixaram de ter dinheiro para pagar a hipoteca, e os cartões de crédito foram congelados. Foram-se embora antes de serem expulsos, fugiram antes de os credores lhes tirarem o carro.

Por sorte, Charmaine tinha poupado uns dinheiritos. Isso e o parco salário que recebia no bar, mais as gorjetas, davam para pagar a gasolina, para uma caixa postal, de modo a poderem fingir que ainda tinham um endereço, e para uma ou outra viagem à lavandaria, quando já não conseguiam suportar a imundície da roupa que usavam.

Stan tinha vendido sangue duas vezes, embora não lhe pagassem grande coisa.

— Pode não acreditar — disse-lhe a mulher enquanto lhe entregava um copo de papel com sumo artificial depois da segunda recolha —, mas houve pessoas que nos perguntaram se não queríamos comprar o sangue dos bebés. Dá para acreditar?

— Não me diga — respondeu Stan. — Porquê? Os bebés não têm assim tanto sangue.

Era mais valioso, foi a resposta dela. Disse que tinha aparecido uma notícia a dizer que uma renovação total de sangue, sangue novo em vez do velho, combatia a demência e fazia recuar o relógio biológico vinte ou trinta anos.

— Ainda só experimentaram com ratos — explicou ela. — Os ratos não são pessoas! Mas há gente que se agarra a tudo. Recusámo-los aí umas dezenas deles. Dissemos que não podíamos aceitar.

Mas alguém anda a aceitar, pensou Stan. Podem apostar que sim. Se houver dinheiro envolvido.

Se ao menos conseguissem arranjar um sítio onde as perspectivas fossem melhores. Constatou-lhes que o Oregon estava em expansão, alimentada pela descoberta de terras raras, a China anda a comprar muito disso, mas como podiam eles chegar lá? Já não tinham o gota-a-gota de dinheiro de Charmaine a entrar, acabara-se a gasolina. Podiam largar o carro, tentar ir à boleia, mas a ideia aterroriza Charmaine. O carro é a única barreira entre eles e o bando de violadores, e não apenas para ela, tendo em conta o que anda por ali à noite sem calças vestidas. E tem razão.

Que devia ele fazer para os tirar daquele lodaçal? O que fosse preciso. Antigamente, havia imensos empregos a lamber cus no mundo empresarial, mas esses cus estão agora fora de alcance. O setor bancário saiu da região, e a indústria também; os génios digitais migraram para pastagens mais ricas, em outros locais e em outras nações mais prósperas. O setor dos serviços costumava ser apresentado como uma promessa de salvação, mas esses empregos agora escasseiam, pelo menos por aquelas bandas. Um dos tios de Stan, agora falecido, fora cozinheiro, na altura em que isso era ainda uma profissão boa porque os endinheirados ainda viviam em terra firme e os restaurantes finos eram maravilhosos. Mas já não era assim; esse género de clientes estava agora a flutuar em plataformas marítimas isentas de impostos, mesmo ao lado dos limites territoriais. As pessoas assim tão ricas levam consigo os próprios cozinheiros.

Outra vez meia-noite, mais um parque de estacionamento. É o terceiro esta noite; tiveram de fugir dos dois anteriores. Agora estão tão nervosos que não conseguem voltar a adormecer.

— Podíamos tentar as máquinas de jogo — diz Charmaine.

Já o fizeram uma vez e conseguiram ganhar dez dólares. Não foi muito, mas ao menos não tinham perdido tudo.

— Nem pensar — diz Stan. — Não temos dinheiro para correr esse risco, precisamos dele para a gasolina.

— Come uma pastilha elástica, querido — diz Charmaine. —
Descontraí um bocado. Vai dormir. Tens o cérebro demasiado ativo.

— Que cérebro, porra? — pergunta Stan.

Há um silêncio magoado; ele não devia descarregar nela. Parvalhão, diz a si mesmo. Nada disto é culpa dela.

Amanhã engolirá o orgulho. Tentará localizar Conor e dar-lhe uma ajuda com a golpada em que andar metido, juntar-se-á ao sub-mundo criminal. Tem uma ideia do sítio onde deve começar a procurar. Ou talvez só o contacte para lhe pedir um empréstimo. Costumava ser ao contrário — era Conor quem o cravava sempre quando eram mais novos, antes de perceber como podia manipular o sistema — mas agora terá de evitar recordar a Conor as suas posições anteriores.

Ou talvez seja melhor recordar-lhe. Con deve-lhe dinheiro. Podia dizer-lhe *está na hora de pagar* ou coisa do género. Não que esteja numa posição de vantagem. Mas ainda assim, Con é seu irmão. Isso deve valer qualquer coisa.